

FRANCISCO E SUA FAMÍLIA

Aspectos do percurso terapêutico de um andino em São Paulo

Berenice Young *

Este artigo apresenta uma leitura sobre parcelas da história apresentada por um imigrante boliviano, conhecida no contexto de um *atendimento terapêutico breve* (oito sessões) no Serviço de Orientação Intercultural a imigrantes, descendentes, retornados e emigrantes em potencial do Programa de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP. Trata-se de um senhor boliviano de quase 50 anos, paciente identificado como portador de *esquizofrenia paranóide*¹, residente em São Paulo há, praticamente, trinta anos e usuário de um Caps (Centro de Atenção Psicossocial), que apresentava um quadro de esquecimento da história migratória, da vida no seu país de origem e da sua língua².

O mesmo foi encaminhado por um psicólogo que, sensível a questões migratórias, julgou importante um trabalho que levasse em conta a sua imigração, que sempre fora deixada de lado nos tratamentos anteriores. Esse paciente já tivera crises psicóticas, mas vinha se mantendo sem elas há algum tempo, numa situação aparentemente estável, embora apresentando *medos e inseguranças* quanto à aceitação das outras pessoas. O profissional que o acompanhava, desconfiava do diagnóstico de esquizofrenia, porque o paciente mostrava muita capacidade de transmitir afeto e de se relacionar com

seus colegas. Eu também tive essa impressão e inicialmente cogitei a “hipótese” de que assumir o papel de doente mental fosse, no caso, *a única forma por ele encontrada para ter uma identidade neste país*.

Diante disso, a intervenção por mim desenvolvida orientou-se, fundamentalmente, pela *recuperação de sua história*, tanto pessoal quanto familiar, e no sentido de *fortalecer-lhe a identidade* pessoal e cultural, “*Porque é no passado que o presente começa e, com um presente bem cimentado, é possível se projetar para o futuro*” (Procreau, 2003).

A abordagem geral seguida foi a da *Psicologia Intercultural dos processos de subjetivação na Migração* e a minha função procurou ser a de mediadora do encontro deste homem andino com a sociedade paulistana, na medida em que ele reconstruía sua história, sessão a sessão. As técnicas mais usadas foram *Evocação, Aconselhamento/Orientação e Esclarecimento*. Entende-se, pela primeira, tanto a recordação espontânea trazida pela memória do participante, quanto o resgate induzido por perguntas. O *Aconselhamento* ou *Orientação* refere-se à colocação de sugestões e informações, pertinentes ao foco ou assunto em questão, à disposição do participante. O *Esclarecimento* pretende iluminar, com ajuda de perguntas, confrontações ou assinalar aspectos no discurso do

próprio participante que não parecem claros para ele mesmo (Fiorini, 1978).

Mesmo considerando o fato que ele se expressava em “portunhol”³, decidi-me a usar na *intervenção* o espanhol – língua que ele entendia –, por considerar que, havendo sido esta a língua usada por ele e a família na Bolívia, estaria mais próxima do seu passado e o ajudaria a evocá-lo⁴. Firmamos um contrato de intervenção de trabalho em dez sessões semanais, assinado por ele na primeira sessão. Contudo, os atendimentos efetivos foram oito, todos realizados no ano de 2003, traduzidos, transcritos e supervisionados pela equipe do serviço⁵. Devido a fatos ocorridos em sua história envolvendo seus familiares, e por se tratar de toda uma migração familiar, julgou-se conveniente uma sessão com a família para uma melhor compreensão de sua problemática. Apesar de uma certa surpresa, aceitou a idéia, e uma das sessões contou com a participação de suas irmãs.

FRANCISCO E A HISTÓRIA DE MIGRAÇÃO DE SUA FAMÍLIA

Francisco⁶ nasceu no interior do Departamento de La Paz, na Bolívia. Era solteiro, mas já tinha convivido com uma moça do Ceará. Em decorrência dos problemas de saúde mental que

apresentara, estava aposentado do último emprego que teve como operário de manutenção de uma empresa aérea. Essa ocupação parecia não ser realmente a profissão com a que se identificava, pois a respeito disto escreveu “ocupação: diversas”; trabalhava em “bicos”⁷.

A família de Francisco era de origem andina. Cinco dos seus sete membros migraram para São Paulo. O pai nunca veio para o Brasil. Ele é lembrado como homem trabalhador e habilidoso, de múltiplas ocupações. Sua morte na Bolívia aparece como evento motivador da emigração de Francisco e de sua irmã (Sluzki, 1979). A mãe já tinha sido migrante na própria Bolívia, proveniente da zona rural quéchua. A primeira evocação que Francisco tem dela é a respeito do seu local de nascimento:

“Sabe? Eu nunca estive ali, mas parece que conheço esse povoado. Me parece que é bonito, sabe. Tem um lago, é verde.” [Sorri ao dizer isso] *Imagino que sempre o descreveram para você, e imagino que com muito carinho.* “Sim! [chora] Parece que lá eram felizes.”

Provavelmente, pelo que se deduz, eles não eram felizes lá, em La Paz, nem cá... A relação de Francisco com sua mãe era muito forte. Ela era trilingüe, falava quéchua de origem e aimará no comércio que tinha em La Paz. No entanto, só falava espanhol com os filhos, deixando de transmitir a língua dela no cuidado e formação deles.

Depois da morte do pai, Francisco migrou para São Paulo aos 18 anos, com sua irmã mais velha, Jovana. Eles vinham à procura de trabalho, mas também em resposta ao convite feito pelo irmão mais velho, Ivan, que já se encontrava na cidade. Nesse momento, Francisco não guardava uma imagem positiva de si próprio, considerava que a vida dele “começou aqui”.

Ivan, também falecido, que o antecederia na migração para o Brasil,

era dezoito anos mais velho que Francisco. Ele era como um pai para os irmãos⁸, que se referiram a ele com respeito e carinho. Foi responsabilizado pela vinda deles a São Paulo (Sluzki, 1979: 382-383) e se encarregou da motivação, recepção e acolhida dos irmãos, assim como da socialização e ensino da língua, repetindo o modelo da mãe. Quanto ao ensino da língua, proibia o uso do espanhol: seu método resumia-se a um “português à força... ele ficava bravo se falávamos em espanhol para ele... dizia, ‘não estou entendendo, eu já esqueci o espanhol, me fale em português’”. Era casado com uma brasileira, a qual teria provocado um incidente que levou à ruptura de relações dele com os seus irmãos, fato que perdurou até sua morte.

Ana, irmã também falecida, não migrou. Casada e com filhos, recepcionava os irmãos quando iam de férias em La Paz. Francisco a lembrou com muita alegria no início e depois com culpa. Mantinha um *sentimento de dívida* para com ela por não tê-la tratado como ela merecia quando veio passar três meses no Brasil.

Jovana, que migrou com Francisco, parecia representar para ele a imagem da autoridade materna. Ela cursou até o segundo ano de Medicina em La Paz, mas teve que deixar os estudos para trabalhar. Pensou em retomá-los depois de instalada no Brasil, porém, interrompeu seus planos depois de um conflito com a cunhada. No momento da intervenção terapêutica, trabalhava cuidando de doentes em casa, pois já “não conseguia emprego por causa da idade”. Ela foi a primeira a trazer à tona a dificuldade de falar espanhol como questão a ser tratada nas sessões. Ela disse que achava difícil falar em espanhol, porque esqueceu muita coisa. Para exemplificar, narrou sua viagem para a Bolívia depois de muitos anos, marcada por *desencontros* e *estranhamentos*. Dizia que não se acostumava mais com La Paz e

significaria um sacrifício muito grande se tivesse que voltar a morar lá. Porém, sustentava ter orgulho de ser boliviana e ensinar a outrem sobre o seu país. Ela era portadora do *segredo familiar* (Sluzki, 1979: 382) que enunciara e fora confirmado pelos irmãos: “Quando se tem 22 anos, não se sabe o que se faz.” Este segredo estava ligado ao incidente familiar com seu irmão Ivan e sua cunhada, que ela narrou sem fazer referência alguma ao *sofrimento/sentimento de desamparo* provocado nessa ruptura. Sua família era composta pelo marido e dois filhos: um rapaz de vinte e quatro anos que morava na casa (pai de uma menina de seis), e uma moça de vinte, solteira, que estava no Japão junto com o pai nipo-brasileiro.

Mabel, irmã mais nova que Francisco, migrou para São Paulo em 1980, com o marido e a primeira filha de dois anos. Outra filha nasceu aqui; o marido saiu da casa pouco tempo depois disso:

Que foi Mabel, conte. Isso seria muito difícil para você, nova neste país, nesta cultura. Mabel: [Um olhar, mistura de dor e esperança, como se ela tivesse esperado muito tempo para falar disso] “Ele não queria trabalhar.” *Não queria trabalhar, ou seria aquele que menos se adaptou a este país?!* [Olha como se esta hipótese fosse considerada pela primeira vez, sem saber se deveria acreditar nela].

No momento da entrevista, Mabel morava com suas filhas, de vinte e três e vinte e um anos. A maior era mãe solteira de uma menina de seis anos⁹, que só cuidava dela por não encontrar trabalho na sua profissão. A segunda estava na universidade. Ela também tratou da questão da língua, expressando que gostaria de falar português sem sotaque, para que não se notasse que ela era boliviana: sentia-se discriminada por sê-lo. Disse também que quando ia para a Bolívia, o pessoal quase não a entendia. Ninguém se empenhava em falar o espanhol em

casa, até as filhas começarem a aprendê-lo na escola e a cobrar a mãe por não tê-las ensinado a falá-lo. Elas moravam num apartamento novo de um bairro central que Mabel comprou trabalhando dois períodos por dia. Possuía um terceiro carro zero, que se deu como presente.

Três irmãos que faleceram cedo – Osmar, na década de sessenta, com dezessete anos e um menino e uma menina, antes de Francisco nascer – recordam uma característica presente nesta família - as *perdas*: da terra de origem; da língua e dos entes queridos (desses três, mais do pai, de Iván, da mãe e da irmã Ana), que tanto no caso dos irmãos pequenos (“mortalidade infantil”), como na impossibilidade de Jovana de continuar os estudos de Medicina, fazem pensar nas renúncias da interface *migração/pobreza*.

O *desenraizamento cultural* ou “*descentramento*” das origens¹⁰ vivenciado por esta família migrante ao deixar o seu país e sua língua, já fora vivenciado anteriormente pela mãe na própria Bolívia e, no Brasil, foi atualizado com maior *sofrimento*. Manifestava-se na *perda da língua materna* durante o processo formativo desses filhos, na *repetição* deste mesmo fenômeno por parte do irmão maior e das irmãs, bem como no distanciamento destes em relação aos seus conterrâneos.

AS EVOCAÇÕES DE FRANCISCO

Na primeira sessão, Francisco mostrou-se alterado por um incidente que acabara de acontecer com a mulher que o interessava. Porém, expressava boa capacidade de observação, uma linguagem bastante elaborada e uma qualidade sadiamente afetiva na sua comunicação. Assinou rápido o contrato de atendimento (*Autorização Prévia*), sem se preocupar em ler os detalhes. Isso me fez pensar que ele

necessitava de algo que ele atribuía ao serviço; não se tratava de um interesse na intervenção em si, senão vejamos:

Alusões à morte, ao sono e a uma tentativa de suicídio: Estas alusões, feitas por Francisco ao longo das intervenções, expressavam sua *frustração*. Ele parecia assumir uma debilidade para enfrentar a vida e reagir assertivamente aos agravos dos outros. Mas também um *sentimento depressivo* que continha diversos aspectos. Era, como afirmava ele, uma resposta à situação existencial frente ao desemprego e à solidão, mas não só, era também o efeito residual dos psicofármacos com os quais vinha sendo medicado desde que fora diagnosticado o seu problema, há aproximadamente 20 anos¹¹. Mas ele também o assumia como parte da sua *identidade cultural*, chegando a perguntar: “Será que as pessoas que nascem no altiplano boliviano são introvertidas, melancólicas, tristes?”

As viagens de retorno à Bolívia: Quatro ao total, foram umas das primeiras evocações que Francisco trouxe. As duas primeiras tiveram como principal objetivo reencontrar a mãe que ainda morava lá. Mas também constituíram oportunidade para visitar a primeira paquera, matar a saudade dos costumes, do jeito de conversar e para se divertir muito.

Dois episódios de crises: a primeira, aos 12 anos, quando “me inteirei que meu pai fazia sexo com minha mãe e fiquei assustado, espantado”, o que dificultou o relacionamento com o pai por algum tempo. A segunda, quando “comecei andar com amigos, descuidar os estudos.” Sobre esta, indaguei:

Por que você não continuou estudando? “Porque não tinha capacidade para aprender matemática.(...) Então eu reprovei o ano. Aí, perdi meus colegas, o próximo ano igual. A professora explicava e eu não entendia, ou será que explicava mal; mas aí piorou porque fui reprovado também em francês.”

Este momento foi capital na história de Francisco pela *desmotivação* que sofreu, pela *fratura do laço* com os pares, pelo *rebaixamento* como aluno. A irmã mais velha forneceu mais informações: “... Ele estava meio estranho: não queria ir para a escola, não queria sair de casa, nem tomar banho...”, causando contrariedade nele.

A(s) casa(s) de La Paz: mudanças e rupturas. Ao evocar a casa de La Paz, Francisco começou dizendo: “Era não muito grande. Ficava na parte alta da cidade, no muito alto.” Mas aí lembrou que antes moraram em outras casas, porque mudaram três vezes; todas alugadas. Dessa última eles não mudaram, apesar do pai ter adquirido uma. Como essa casa ficava num local menos central, a mãe não quis mudar, e foi o pai que “ficou a dormir nessa casa. (...) Ele disse (que era) para cuidar, para que não roubassem”, razão da qual Francisco duvidava.

As namoradas e a primeira experiência sexual: “Léia... Ela dizia que o nosso era ‘uma aventurinha’; me desprezava, assim (...), foi divertido. Agora digo isso, mas na época sofria...” A primeira tentativa de separação da família e a primeira experiência sexual deram-se no Brasil, numa ocasião em que procurou uma pensão, depois de ter brigado com a família.

Os amigos de La Paz: A maioria deles era da Igreja Mórmon. Esses e a primeira paquera foram todos lembrados: os nomes, o que faziam e o que falavam. Ele disse:

“Era uma época muito bonita. Cá é muito diferente. Essa igreja é toda parada, (...) não é igual. Lá era muito mais divertido, mais alegre.” *Você pensava que os bolivianos nascidos no altiplano eram tristes?!* [Mexe a cabeça num “não”, sorri. Nos seus olhos há algo assim como o brilho caloroso da saudade].

Importante observar que essa *evocação* traz, pela segunda vez, a

categoria *cá-lá*, característica dos migrantes¹².

O lugar de Francisco encontrava-se debilitado em seus diversos relacionamentos: na família¹³, com a mulher que o interessava, com a ex-companheira e no entorno social mais amplo. Ele expressava uma *identidade* bloqueada e, ao mesmo tempo, uma grande dependência emocional em relação aos outros. De alguma forma, sua própria *sociabilidade* confirmava esta autopercepção fragilizada, o que aparentava ser um princípio de *identificação* com os marginalizados, que se traduzia em três círculos: com Elizabeth, a moça prostituta que visitava no centro marginal da cidade; no Caps, onde se encontrava com conhecidos/amigos e era possível conversar; e com dois amigos no bairro da periferia sul onde morava.

O LUGAR DE FRANCISCO NA FAMÍLIA

A família de Francisco tendia para uma conformação ampliada: mãe e filhos morando juntos com as novas uniões constituídas por estes, característica trazida da sua origem andina¹⁴. Mas, seria também *simbiótica*? Em Psicologia, entende-se por *simbiótica* a família que não permite ou permitiu uma adequada individuação¹⁵ dos seus membros. Este não parece ter sido o caso das irmãs, mas sim de Francisco, revelando-se nele o fracasso familiar em relação a este objetivo. Desta maneira, observa-se na família uma resposta protetora e invasora e, portanto, obstaculizadora diante dos considerados *doentes/débeis*. Prerrogativa esta não só deles, mas de todo o sistema social. Francisco narrou episódios que evidenciavam o quanto a família interferia na vida dele, como no caso da expulsão de casa da companheira dele.

A característica da *cisão lá-cá* de Francisco também apareceu nas irmãs

ao comparar *lá* (La Paz - Bolívia) e *cá* (São Paulo - Brasil). Três posturas afloram nessa comparação: Francisco descobriu que *lá* era muito mais divertido; Jovana manifestou sua preferência por *cá* e Mabel disse preferir o *lá*. Ela disse: “Eu gosto, mesmo que não me sinta ser dali nem daqui.”

Estereótipos, discriminação, luta pelos lugares sociais foram observados como *dinâmicas de interação grupal* desta família com outros grupos na cidade, que evidenciavam formas de *contato cultural*, por vezes difícil (Berry, 1992).

Tanto o filho mais velho de Jovana, como a filha mais velha de Mabel, tornaram-se pais antes dos dezoito anos. Ambos tinham filhas de seis anos, sendo que a segunda a criava sozinha. A filha de Jovana era migrante no Japão “acompanhando o pai a trabalho.” Como disse Sluzki, “As famílias, em geral, desconhecem a natureza estressante da migração e o seu impacto acumulativo” (1979: 383).

A *sociabilidade* e o *lazer* da família circunscreviam-se aos encontros entre eles de fim de semana. Não fizeram grandes amizades no Brasil, nem tampouco se reuniam com bolivianos¹⁶, apesar de que Mabel gostava de celebrar o aniversário pátrio e de ir à praça boliviana¹⁷ aos domingos para comer e comprar CDs ou artesanato típico.

A casa da família em São Paulo foi construída no terreno comprado em um bairro da periferia sul, com a herança deixada pelo pai. Francisco, Jovana e a família dela ainda moravam lá. Francisco falou do *lugar* que ocupava na organização da casa:

“Minha casa, na verdade o quarto onde eu durmo, fica **no final** de todo o **nosso terreno**... Primeiro é a casa da Jovana, depois da Mabel (*refere-se ao período anterior à mudança desta para o seu apartamento*), depois vêm o meu... Antes de Jovana se casar, **morávamos**

juntos na primeira casa, cada um no seu quarto. **Depois, já não tinha espaço para mim**, ela casou, vieram os filhos; eu passei a dormir na sala... Sabe? **Quando eu fui para o quarto dos fundos, me isolei...**”

O lugar de Francisco na família, paradoxalmente, elevou-se à *função de tradução, mediação* ou *ponte* quando Jovana se referiu à língua: “Francisco pode passar do espanhol para o português e vice-versa...” (discrepante com minha observação e o sentir dele). Depois, ela acrescentou:

“Sabe? Francisco sempre foi uma pessoa muito sensível...” *Geralmente a pessoa que tem crise na família é a mais sensível. “Ele parece médium.” Como assim?* “Por exemplo, antes que minha mãe morresse, Francisco teve uma crise. Ele falou: sonhei com a mãe, ela está mal. No dia seguinte, minha mãe morreu.” *Não seria que ela já estava mal e Francisco sabia disso?* “Outra vez Francisco também não se encontrava bem, eu e meu marido estávamos levando ele ao Pronto-Socorro para interná-lo. Francisco não queria me deixar ir, estava inquieto, assustado, mas só falava: ‘Não vá, não vá’. Quando eu saí na rua, passou uma moto que quase me mata. Eu pensei que Francisco tinha pressentido isso, que ele sabia disso.”

Francisco, em crise, presente, adverte, avisa a família sobre um perigo ou catástrofe. Esse *lugar* contraditório que a família dava a Francisco, também se refletia nos sentimentos ambíguos de Francisco para com ela. *Dependia* muito da família, tinha *medo* de romper com ela, no entanto, não percebia a importância de ter uma família.

A QUESTÃO DA LÍNGUA

Afinal, que língua vocês falavam em La Paz? Mabel: “Espanhol, castelhano.” *Mas, essa era a língua falada com sua mãe, ou ela falava aimará ou quéchua?* Mabel e Jovana: “Ela falava as três. Mas em casa, falávamos espanhol.” *Vocês não falavam com*

sua mãe nessas línguas? Jovana: “Não, mas sim entendíamos o que falavam.” E então, que língua falavam com seu irmão Ivan? Jovana: “Português à força.” Mas como? Vocês aprenderam português na Bolívia? Jovana: “Não, mas ele ficava bravo se falávamos em espanhol para ele. Ele dizia: ‘Não estou entendendo. Eu já esqueci o espanhol, me fale em português’.”

Para Saussure “A língua é um princípio de classificação que, se projetando sobre as coisas do mundo, classifica-as de acordo com sua estrutura interna” (apud Pietroforte, 2001: 86). Segundo Pichon Rivière, a língua é a instituição social que antecede e acolhe o novo ser e que disponibiliza para seu desenvolvimento uma rede de significados através de relações vinculares que ele internaliza e resignifica. Assim, a língua, como disse Anzieu, também cumpre uma função psíquica de “envoltório grupal” (apud Mehler et al., 2002). Falar uma língua, neste sentido, não é apenas participar de um universo simbólico distinto e separado de outros, mas é também *se constituir subjetivamente de forma particular, pertencendo*.

Nada disto transpareceu na família de Francisco, que parecia ver a língua como *estigma*; um sinal que devia ser ocultado. Este *encobrimento*, que se deu através do não uso (e conseqüente perda) da *língua materna*, aparentemente, começou com a mãe. Assim, esta família cresceu sem *língua materna*. Este fato, possivelmente, propiciou a repetição do padrão com os filhos que migraram: eles não falavam o espanhol (língua de casa). Portanto, não o ensinaram aos seus filhos, que falavam “portunhol”. O “portunhol” é a variante lingüística que, misturando o espanhol com o português, deixa de pertencer legitimamente a qualquer delas, reproduzindo, em parte, a *dinâmica intrapsíquica desalocada (sem lugar)* da pessoa migrante.

Mabel possibilita a compreensão desta dinâmica. A fala dela, “com

sotaque”, revela sua *inadequação* [“gostaria de falar como não falo”], tanto aqui, como lá na Bolívia. E este *esquecimento* do espanhol também é a via de afastamento do grupo original e uma estratégia de ocultação da própria imagem. Porque, como disse Da Silva: “... a imagem que a sociedade local tem do boliviano é uma imagem estigmatizada” (a do índio). Mas, esta estigmatização¹⁸ está na própria Bolívia (1997: 178-179) e ultrapassa as fronteiras nacionais, não é só um produto da *aculturação* iniciada no contato com o Brasil. Com efeito, está em todas as regiões que conheceram os empreendimentos civilizatórios e gera um sentimento de *inadequação* e *baixa auto-estima* nas pessoas nas quais é projetado, podendo-se cristalizar ao longo do devir histórico (dada à perpetuação das mesmas circunstâncias socioeconômicas e culturais) como *traço identitário*, produto da *assimilação* forçada a que os colonizados tinham que se submeter ao adotar a cultura do grupo colonizador e da *opressão socioeconômica e psicológica* dos segundos. Como disse Bosi: “A cultura dominada perde os meios necessários para expressar sua originalidade” (Bosi, 2003: 176). Por isso, o “*esquecer*”¹⁹ a *própria língua* provavelmente implicava não só a *submissão dos vencidos*, mas também uma *defesa ante a dor da perda*.

É pertinente afirmar que seriam possíveis outras leituras deste tópico, pela série de fatores comprometidos nele (Berry, 1992: 305). Por exemplo, para Monardez, seguindo a “Teoria da Metamorfose” de Ciampa, o “portunhol” seria uma expressão do *processo de reconstrução e transformação da identidade nacional*, no qual o imigrante incorpora léxico de ambas as línguas (Monardez, 1994) constituindo parte do seu processo migratório (em atualização contínua). Por sua vez, o método de ensino de português de Ivan talvez tivesse a *razão instrumental* de oferecer uma

oportunidade prática aos seus irmãos, dada a impossibilidade de frequentarem um curso para a aprendizagem desta língua. Ou, ainda, poderia ser a resposta ante a *pressão emocional* do *estranhamento* da esposa brasileira, “invadida por bolivianos” na própria casa. Nos momentos de estresse, é comum observar uma divisão entre o *instrumental* e o *afetivo*, como seria o caso dos *migrantes em fase de chegada* ou “sobre-compensação” (Sluzki, 1979: 383).

A VERGONHA E O MEDO

Numa das sessões finais, Francisco disse: “Estou com muito medo. Nem estou conseguindo dormir mais.” E relata um incidente com umas moças da casa vizinha. Moças, “pelas vozes, adolescentes, meninas, moças”, mas não quis sair para conferir, porque “*tinha vergonha e medo*”. É essa associação que sobressai em todo o relato. Não enfrenta as moças que causam o barulho que o impede de dormir, porque tem *vergonha*, porque “parece que me vigiam, elas sabem que não saio”. Talvez por ser um desempregado: “Uma vez me disseram: ‘Oi você, folgado, periquito engaiolado que nunca sai para trabalhar!’...”. E inclusive pensa na possibilidade de que as meninas não existam como tais, sejam “como diz a Doutrina Espírita... espíritos zombeteiros”. Ele expressa o estado momentâneo de *confusão* por que passa: o *medo* apagando a *percepção* dos seus *sentidos*... Mas, também tem *receio* dos problemas que poderiam se apresentar em relação a essa casa se fosse reclamar, como aconteceu no passado. E Francisco finalizou dizendo: “A gritaria das meninas me deixou muito frágil.”

Este relato remeteu-me à sessão familiar, durante a qual o discurso esteve tomado, principalmente, pelas irmãs (“as meninas”), e permitiu recontextualizar a *vergonha*, não só como

um obstáculo no contato entre Francisco e a vizinhança paulistana, mas como um assunto recorrente desta família ao longo da sua história.

“A vergonha é um sentimento cujas raízes podem ser identificadas no psiquismo, (...) e cuja gênese está associada à confrontação do sujeito com o mundo social (...). Há, aí, sobre-determinações de ordem sociológica, que a psicanálise e a psicologia clínica tendem a subestimar. Ora, essa questão é essencial para o próprio sujeito, que não pode se posicionar da mesma maneira quando considera tratar-se de um problema psicológico advindo dele próprio, (...) ou quando ela (a vergonha) é resultado de uma situação social que o coloca em conflito consigo próprio (...).”

A vergonha associada ao desemprego e à exclusão remete ao indivíduo a si próprio, ao seu próprio sofrimento, mas também se inscreve nos processos de estigmatização, de humilhação e de invalidação sociais. (...) A vergonha é gerada a partir da identidade negativa que lhe é atribuída” (Gaulejac, 2001: 37-38).

A vergonha de Francisco seria o sentimento correspondente às *atitudes de estigmatização e discriminação* em relação ao meio, não só local, mas também ao seu país de origem. Pois, como Da Silva expressa, a Bolívia representa um desafio para sua própria integração nacional, devido às divisões étnicas, culturais e sociais que enfrenta, que são transportadas para além das fronteiras com a migração (Da Silva, 1997) e que constituem a complexa herança da conquista colonial.

Francisco voltou a falar das facetas desse *medo*. Referiu que dorme com música desde que Ana morreu, porque tinha temor de que o espírito de Ana manifestasse sua queixa ou *necessidade de reparação pela falta/injustiça* com ela cometida. O psiquiatra que o tratava, ao ouvi-lo falar deste *medo*, agindo de acordo com sua perspectiva e por desconhecer a cultura andina, não apenas trocou o medicamento, como aumentou a dose. O que o psiquiatra

ignorava a respeito da cultura andina é que “As almas falam, antes e depois da morte com os vivos” (Da Silva, 2003: 109). Entretanto, este especialista não foi o único a patologizar as reações de Francisco, sendo ele próprio treinado a assumir seu *medo* como um sintoma:

“Imagine, doutora, que agora estou com medo do cachorro do meu vizinho, (...) um ‘pit bull’, desses grandotes e bravos... Eu não gostei desse vizinho novo.” *Do vizinho ou do cachorro dele?* “Acho que sou um insociável.” *Por tudo o que você contou, eu acho que não: Você...* “É mesmo! A senhora consegue ver algumas coisas que eu pareço não enxergar.” *Se não enxerga, talvez seja porque você se deixa guiar pelos medos.*

Novamente lembro Gaulejac: “Ao querermos responder, no plano psicológico, a problemas de gênese social, corremos o risco de aprisionarmos os indivíduos na impotência e na culpabilidade” (Gaulejac, 2001: 39).

CONCLUSÕES

Poder-se-ia dizer que houve um processo de *exclusão social* iniciado muito antes na vida desta pessoa (na “pré-história” familiar: a colonização espanhola no Império Incaico, com suas conseqüências traumáticas no âmago social da nova mestiça Bolívia, reatualizada na figura da mãe *migrante quéchua* no interior do seu país) e que a *crise da migração* para São Paulo ajudou a eclodir. Porque, nesta sociedade, ser índio, ser pobre, ser migrante e ser “louco” é muita coisa, *sobredeterminações* (Gaulejac, 2001) suficientemente fortes para não deixarem de ter efeitos psíquicos.

Esta família, provavelmente devido à *dor* das muitas *perdas* acumuladas, havia “quebrado pontes” com o passado (característica histórico-cultural), instaurando o *esquecimento* como *mecanismo defensivo*. Figueiredo disse:

“Em última instância, porém, nenhuma memória humana será capaz de assegurar a unidade de sentido de vidas tão convulsionadas. As memórias se perdem, se embaralham, por mais cautelosos e engenhosos que sejam os dispositivos para conservá-las” (Figueiredo, 2002: 45).

A dinâmica da *família* foi tal que a Francisco foi oferecido um lugar controverso: “o quarto dos fundos”. Ora um adulto infantilizado, ora um *herói “mediúnico”* encarregado da *passagem* entre o *presente* e o *passado*, que livraria o grupo da *culpa do esquecimento*. Francisco levava a *cisão* da *família* no diagnóstico que o identificava em São Paulo, que lhe dava “um *modus vivendi*”: uma “carteirinha” de identificação, passe para o transporte, acesso ao atendimento em “saúde mental” e um círculo de sociabilidade.

A *migração* de Francisco caracteriza-se como uma *migração familiar*²⁰, atravessada pelas interfaces de *classe social e etnia (cultura andina)*, que já acontecia na Bolívia em deslocamentos campo-cidade, e que continuou na vinda para o Brasil em quatro etapas. A primeira foi iniciada pelo irmão mais velho, no final da década de 1950 ou começo da de 1960, pioneiro que preparou o terreno e estimulou a vinda dos demais. A segunda, ocorrida em 1975, quando Francisco e sua irmã migraram. A terceira consistiu na chegada da mãe e da irmã mais nova com sua família em 1978, numa estada curta. A quarta, em 1980, quando a mãe e irmã retornaram para estabelecer-se em São Paulo. No momento da intervenção, também se observavam os efeitos nas gerações sucessivas. Segundo Sluzki, a família estaria na *fase V transgeracional de migração* (Sluzki, 1979: 380).

A ligação de Francisco e sua família com a terra de origem parecia acontecer através da celebração cívica e com objetos que evocavam sua *memória arcaica infantil*: comida, música, artesanato, mas não com o próprio

povo²¹. Para Da Silva, *o isolamento* pelo qual o imigrante passa pode ser uma estratégia para a mais rápida ascensão social, desvinculando-se do seu grupo, e assim uma tentativa de se livrar dos atributos negativos imputados a eles (Da Silva, 1997: 199).

O objetivo da intervenção terapêutica consistia, sobretudo, em ajudar a Francisco a compreender sua situação de imigrante boliviano no Brasil. Na especificidade do caso, isto se deu através da *recuperação de sua história*. E muito dessa história foi recuperada individualmente nele:

Você tinha a idéia de que sua vida começou cá, como se seus primeiros dezoito anos tivessem sido nada, não importantes. Lembrando, você me contou... "A senhora tem uma boa memória." A sua é boa também. Todas estas informações, foi você quem as trouxe. "Eu falei assim, simplesmente, sem fazer esforço de recordar." Mas vê, foi um trabalho de recordar muito importante (...). "Foi muito bom você ter feito esta síntese. De não ter escutado, não acreditaria; mas sim, fizemos tudo isso aqui."

Mas, algo dela também se atualizou com a família e em mim. Eu devolvi a Francisco o conhecimento desta sua contribuição na última sessão.

Tanto no caso de Francisco com a namorada nordestina do Ceará, como com Jovana e o seu marido nipo-brasileiro, constatei a tendência recorrente da *proximidade entre migrantes*. Isto é, "como o estabelecimento necessário de alianças entre as pessoas que passaram pelas mesmas vicissitudes, que chegam a ser redes tão fortes como as deixadas no país de origem" (Sluzki, 1979: 383).

Mabel exemplificou também o objetivo do sucesso material, profissional e econômico que muitos migrantes se colocam como prioritário na *fase de chegada*. Não se pode negar a probabilidade de que esta característica estivesse presente na sua infância (mãe migrante), nem que essa

segurança material tenha sido o meio mais eficaz de ganhar um espaço nesta sociedade e de provar a si mesma que podia manter uma família (já que era separada). Porque, como Da Silva diz: verifica-se "...um aumento das famílias chefiadas por mulheres" e "a mulher boliviana, independentemente da sua classe social, tem grande participação no projeto de ascensão social acalentado pela família" (Da Silva, 1997: 207 e 211).

É compreensível a dificuldade de se escutar cada pessoa atendida no serviço público. No entanto, neste caso, parece óbvio que não foram ouvidas a situação de imigrante de Francisco e sua origem andina, e se constata a surdez do sistema ante as demandas das minorias.

A TERAPEUTA IMIGRANTE DE UM IMIGRANTE

Diria que neste trabalho predominou uma atitude solidária, expressa na "convicção" de que os temas, as realidades e até as preocupações que Francisco trazia não me eram alheias. Afinal, considerando que a terapeuta é uma imigrante peruana no Brasil, compartilhávamos o *lugar* de imigrantes de países andinos. Isto fez com que o trabalho por vezes flutuasse, pelo meu lado, como um *diálogo de memórias* e '*insights*'. Também observei uma atitude *diretiva* de quem é mais experiente (mistura de especialista e migrante de longa data) e a *clínica* (cuidado e proteção nem sempre bem entendidos da minha parte, e por isso, por vezes provocadores de inquietação). Este tipo de trabalho confronta as subjetividades das pessoas que dele participam. Nessa dinâmica, nenhum dos participantes segue sendo o mesmo, existe uma troca *intersubjetiva*, que de alguma maneira transforma as subjetividades *intrapíquicas* prévias e gera um espaço comum, que não é só *meu*, nem

tampouco do *outro*.

"Possivelmente grande parte das comunicações dependem de um sofisticado interjogo entre as percepções dos participantes do processo terapêutico. Teorias da percepção e também da comunicação definem e procuram dar inteligibilidade a diferentes formas de comunicação. Há comunicações pré-verbais, infraverbais, pré-representacionais, corporais e talvez até pulsionais, além, é evidente, das comunicações propriamente verbais. Há percepções conscientes, pré-conscientes, e quem sabe, talvez até inconscientes. Por que não? Muitas vezes transmitimos o que nem sabemos que havíamos percebido, e também reconhecemos sensações e sentimentos próprios. Mas serão nossos ou do outro?" (Coelho Jr. & Figueiredo, 2004: 12).

Por este motivo, pela inevitável "natureza enganada" desta forma de *pesquisar e atuar clinicamente*, onde quer que se encontre²², o acompanhamento da *equipe de supervisão* com o seu olhar imparcial à distância é aspecto importantíssimo. Assim o foi nesta intervenção.

Acredito, finalmente, que a reflexão sobre esta história contribuiu para "dar a palavra àqueles que nunca podem ou ousam tomá-la" (Blasquez, apud Levy, 2001:93).

** Berenice Young é Psicóloga peruana, mestranda em Psicologia Social no IPUSP.*

NOTAS

1 - Parece ser consenso entre os autores que a falta de conformidade diagnóstica é muito grande, dilema presente ainda diante dos sistemas diagnósticos modernos, operativos e "ateóricos" (Franzek e Beckmann, 1999). Este também seria o caso do DSM IV adotado pela "American Psychological Association" desde 1994 e vigente no Brasil. Em termos gerais, a *esquizofrenia* é considerada uma doença da personalidade total que afeta centralmente a forma de perceber e pensar o mundo. A característica essencial da *Esquizofrenia Paranóide* é a presença de delírios ou alucinações auditivas de caráter persecutório (A pessoa que sofre esta condição pode pensar que outros falam mal dela, têm inveja, ridicularizam-na, têm intenções de prejudicá-la)... Não tem consequências douradoras sobre o intelecto

nem a afetividade. Diz-se que este tipo é o mais comum e também aquele que responde melhor ao tratamento, por isso de melhor prognóstico. Para maiores informações, vide <http://www.psiqweb.med.br/dsm/psicot4.htm>

2 - Importante dizer que isto não era uma questão para ele; não reconhecia problema em não lembrar. Ele assistiu ao serviço atendendo a sugestão de um psicólogo em quem ele confiava, que tinha falado que este outro tratamento "serviria de ajuda para lidar com minhas dificuldades."

3 - Entendido como a língua dos hispano-falantes ao tentarem falar português com os referentes do espanhol, variante lingüística diatópica e diastrática: social (Coseriu, apud Pietroforte, 2001: 92-93).

4 - Não existe acordo quanto à língua a ser usada na terapia de migrantes na literatura. Sobre este particular, vide Mehler, J; Argentieri, S; Canestri, J., (2002).

5 - Coordenada pela Professora Dra. Sylvia Dantas DeBiaggi.

6 - Este nome, como todos os mencionados a seguir são fictícios.

7 - Na ficha preenchida na 1ª sessão. Isto faz pensar numa situação de "nomadismo ocupacional" anterior à crise de saúde e seu conseqüente afastamento do mercado de trabalho formal.

8 - Função social esperada do primogênito na família andina.

9 - A qual parece ter a função de *coitada* da família, segundo Francisco que a chamou assim em duas ocasiões.

10 - Noção tomada de Simone Weil. Ela define o *enraizamento* "Como talvez a necessidade mais importante e desconhecida da alma humana. (...) Um ser humano tem raiz pela sua participação real ativa e natural na existência numa coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro." (Weil, 2001: 43)

11 - Segundo o psicólogo que o encaminhou, não existia registro desse momento, porque ele iniciara seu tratamento em um outro posto de saúde que sofrera um incêndio dos seus arquivos. Segundo a informação de enfermeiros antigos do Caps, Francisco chegou ao sistema na década de 1980.

12 - Ou *aqui-lá*. A primeira é mencionada logo a seguir à referência que faz à família. Esta categoria expressa a *cisão/ruptura/descontinuidade espaço-temporal* geralmente presente no *discurso* e na *vivência* dos migrantes. Nesta, no que se refere ao *sentido do tempo*, existe uma grande dificuldade para acertar as datas.

13 - Isto parece claro na citação na qual se fala da casa da família: ele ocupava "o quarto dos fundos".

14 - Porém, tendência de moradia cada vez mais presente na contemporaneidade, devido

às limitações econômicas que impossibilitam uma separação de fato dos filhos adultos.

15 - Entende-se por *individualização* o processo que leva um indivíduo a cumprir funções cada vez mais específicas e sofisticadas, esperadas na sua espécie e organização social. Em termos humanos, individualizar-se é poder atingir necessidades e metas.

16 - E assim, "procura desvincular-se dos vários estigmas imputados ao seu grupo étnico, através da ruptura com o mesmo." (Da Silva, 1997: 194)

17 - Atualmente chamada Kantuta. Fica no bairro do Canindé, zona norte da cidade.

18 - Silva, referindo-se a Goffman (1975), disse que se trataria de uma *identidade deteriorada*.

19 - Coloco aspas, porque a informação que tenho do ocorrido no antigo Peru, onde a conquista/opressão foi muito eficiente, foi a de que o povo foi impedido de falar a própria língua em lugares públicos.

20 - Em concordância ao observado na migração boliviana em geral (Da Silva, 1997).

21 - Subjetivamente, essas pessoas refletiriam melhor o *diferente/estrangeiro* nelas próprias e as evitariam para não se espelharem nelas?

22 - Na socioclínica, na Pedagogia, na Assistência Social, nas Ciências Humanas e Sociais em geral. A este respeito, vide Sévigny, R. (2001).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERRY, J.; POORTINGA, Y.; SEGAL, M.; DASEN, P. (1992) "Acculturation and Culture Contact", "Ethnic Groups and minorities", In: *Cross-cultural Psychology: Research and Applications*. Cambridge, Cambridge U. P., p. 271- 291.
- BOSI, Ecléa (2003) *O Tempo vivo da Memória. Ensaios em Psicologia Social*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2ª ed.
- COELHO Jr., Nelson & FIGUEIREDO, Luis C. (2004) "Figuras da Intersubjetividade na Construção Subjetiva: Dimensões da Alteridade". In: *Interações*, v. IX, nº 17, jan-jun, p. 9- 28.
- DA SILVA, Sidney (1997) *Costurando Sonhos -Trajetória de um grupo de Imigrantes Bolivianos em São Paulo*. São Paulo, Paulinas.
- DA SILVA, Sidney (2003) *Virgem, Mãe, Terra - Festas e devoções marianas na metrópole*. São Paulo, Hucitec/ Fapesp.

FIGUEIREDO, Luis C. (2002) *A invenção do Psicológico - quatro séculos de subjetivação 1500-1900*. São Paulo, Escuta.

FIORINI, Héctor (1978) "Tipos de intervenção verbal do terapeuta". In *Teoria e técnica de psicoterapias*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, p: 153- 178.

FRANZEK, Ernest & BECKMANN, Helmut (1999) "Los diferentes patrones genéticos de las psicosis del espectro esquizofrénico. Un estudio en gemelos". In: *Alcmeon. Revista Argentina de Clínica Neuropsiquiátrica*. V.7, n. 4, marzo, año X. Disponível em: http://www.alcmeon.com.ar/7/28/alc28_06.htm

GAULEJAC, Vincent de (2001) "Psicossociologia e sociologia clínica". In: ARAÚJO, J. N. G. & CARRETEIRO, T. C. (orgs.) *Cenários Sociais e Abordagem Clínica*. São Paulo, Escuta, p. 35-47.

LEVY, André (2001) "Pesquisa e Intervenção". In: *Ciências clínicas e organizações sociais*. Belo Horizonte, Autêntica, p. 79-100.

MEHLER, J; ARGENTIERI, S; CANESTRI, J. (2002) "Literatura Psicoanalítica sobre el problema de las lenguas". In: *La Babel del Inconsciente - Lengua madre y lenguas extranjeras en la dimensión psicoanalítica*. Buenos Aires y México, Grupo Lumen. Cap: 3, p. 83-108.

MONARDEZ, Tito Arturo Valencia (1994) *Identidade Étnica e Aculturação do Emigrante Chileno residente na Grande São Paulo, que emigrou após o Golpe Militar de 1973: As Influências da Imigração no Processo da Construção da Identidade*. São Paulo, PUC, (tese).

PIETROFORTE Antonio Vicente (2001) "A língua como objeto da Lingüística". In: FIORINI, José Luiz (org.) *Introdução à Lingüística*, Cap. I Objetos Teóricos. S. Paulo, Contexto, p. 75-93.

PROCREAU, Jean-Bernard (2003). "Considerations théoriques". In: *L'Ethnopsychiatrie: Une pratique clinique du lien et de la médiation*. [Trabalho apresentado no Seminário do Grupo de Pesquisa Psicologia, Migração e Cultura do IPUSP, São Paulo].

SÉVIGNY, Robert (2001) "Abordagem clínica nas ciências humanas". In: ARAÚJO, J. N.G. & CARRETEIRO, T. C. (orgs.) *Cenários Sociais e Abordagem Clínica*. São Paulo, Escuta.

SLUZKI, E. Carlos (1979) "Migration and Family Conflict". In *Family Process*, 18 (4), p. 379- 390.

WEIL, Simone (2001) "O Desenraizamento". In: *O Enraizamento*. Bauru, Editora da Universidade Sagrado Coração.